

ENTREVISTA / KARNI HANEMAN, ATRIZ E DIRETORA

Divulgação

'Preciso escrever todos os meus pensamentos sem filtro'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Foi pelas telas da Argentina, durante o 26º Festival Internacional de Buenos Aires – Bafici, que a atriz e realizadora israelense Karni Haneman conheceu a América do Sul, ao exibir seu (festejado) longa-metragem “Tom’s 2nd Suicide” para nuestros hermanos. Bem calçado na engenharia sonora de Ronen Nagel, este drama de tons cômicos flerta com a finitude para celebrar a vontade de viver, amparado por um trabalho plural de sua realizadora, responsável também pelo roteiro e pela montagem. A ação se passa em 9 de março, o dia da tentativa anual de suicídio de Tom (papel da própria cineasta). É também o momento em que Kobi (Adam Avidan) precisa enfrentar más notícias. O destino e um carro quebrado forçam os dois a embarcar em uma jornada surreal, com o objetivo de acabar com a vida de Tom.

Na entrevista a seguir, Karni faz um panorama da cena cinematográfica de Israel hoje.

Seu drama aborda o tema do suicídio sem tratá-lo de forma trágica. Você fala sobre amizade e amor, fala sobre aliança. Até que ponto as experiências de solidão e isolamento causadas pela Covid-19 desempenharam um papel nesse argumento?

Karni Haneman: Para ser sincera, escrevi o roteiro há cerca de 10 anos. Ele surgiu mais ou menos na mesma época em que escrevi meu primeiro roteiro, “Fuck You Jessica Blair”, mas decidi não fazer nada com ele durante anos, porque não parecia certo. Há uns cinco anos, eu estava trabalhando em uma

peça em Londres, e a Covid-19 e o isolamento começaram. Eles acabaram com o teatro e com a vida em geral. Como a peça estava em andamento, e eu não tinha nada melhor para fazer durante esse período, decidi começar a reescrever o roteiro de “Tom’s 2nd Suicide” e acabei terminando a escrita e a pré-produção durante os dois anos da pandemia. Portanto, embora não tenha sido originalmente uma parte do filme, o coronavírus definitivamente me afetou subconscientemente e esteve presente durante o processo, e provavelmente desempenhou um papel no motivo pelo qual parecia ser o momento certo para começar a trabalhar nele. Felizmente, decidimos adiar as filmagens antes que elas acontecessem por outros motivos, mas foi definitivamente simbólico o fato de eu também ter contraído a Covid e ter que ficar isolada no que deveria ser o primeiro dia original de filmagem, em vez de estar no set.

Qual é o maior desafio de falar sobre personagens suicidas?

Meu maior desafio pessoal ao falar sobre personagens suicidas e deprimidos foi o fato de eu ter que me aprofundar em minha experiência pessoal durante um momento de baixa em minha vida. É algo que não é fácil de fazer (e que eu evitava no passado). Pior é expor isso para todos. O que aprendi ao trabalhar em filmes, ainda mais neste, foi que preciso evitar o medo e, simplesmente, escrever todos os meus pensamentos sem filtro, por mais estranhos ou ridículos que possam parecer em minha cabeça, da maneira mais honesta possível. Caso contrário, não serei genuína. Também foi especialmente desafiador criar os personagens e atuar ao mesmo tempo, pois, quando começamos a pré-produção e os ensaios, eu sentia que já estava em um



lugar diferente. Um lugar muito melhor na minha vida. Estava com medo de me forçar a voltar para aquele lugar ruim de antes para conseguir interpretar a personagem e fazer o filme. Mas acho que isso acabou beneficiando “Tom’s 2nd Suicide”, porque pude olhar para ele de fora e encontrar um equilíbrio melhor e uma linguagem específica para ele, do que se eu mesmo ainda estivesse naquele lugar sombrio durante as filmagens.

Como o seu filme se posiciona em relação à produção cinematográfica israelense atual?

Creio que, nas últimas duas décadas, o cinema independente está definitivamente em ascensão em Israel. Pelo menos pelo que vejo, cada vez mais cineastas estão fazendo seus filmes a qualquer custo - ou sem custo - e a variedade de histórias e tópicos é imensa. Cineastas não têm medo de experimentar filmes e gêneros diferentes e incomuns: de

terror e suspense - como “Big Bad Wolves” e “Rabies” - a filmes indie de arte - como “Not in Tel Aviv” (de Nony Geffen) - passando por Michal Bat-Adam, (atriz e diretora) que, há décadas, cria sem parar com orçamentos mínimos. Definitivamente, meu filme é uma mistura de minhas experiências pessoais, que são as do cinema em Israel e do teatro em Londres, porque é de lá que vem a maior parte do meu impacto nas artes cênicas, depois de morar e estudar lá por alguns anos. Acho que é uma espécie de mistura de todas as coisas que me inspiram, portanto, algo entre um filme local, teatro britânico e filmes independentes americanos mais antigos. Quanto ao teatro local, infelizmente, ainda não tive muita chance de trabalhar com teatro em Israel, mas posso ver nos últimos anos que muitos filmes excelentes e bem-sucedidos estão sendo reproduzidos como peças de sucesso: “Aviva, My Love”, “Zero Motivation” e, mais recentemente, o fabuloso “Nota de Rodapé”.